

---

*Gustavo Barroso e a busca pela sacralização do  
integralismo e pela integralização do catolicismo  
no livro “integralismo e catolicismo”*

*Gustavo Barroso and the search for sacralization of integralismo  
and the payment of catholicism in picture book of scripture  
“integralismo and catholicism”*

*Elynaldo Gonçalves Dantas\**

---

**Resumo:** A partir da desconstrução derridiana, esta reflexão busca decompor a *cena de escritura* do livro de Gustavo Barroso intitulado *Integralismo e catolicismo*. Objetiva-se demonstrar como essa obra, ao dialogar com o movimento *Restauração Católica*, concatena os acontecimentos do seu tempo às premissas do pensamento católico de rejeição aos valores da modernidade, construindo a representação de uma identidade cristã católica para a doutrina do Sigma e o seu projeto de Nação Integral. Nesse sentido, o esforço busca responder às seguintes questões: (i) Com que fontes intelectuais Gustavo Barroso dialoga e busca reformular para estruturar o seu projeto de nação? (ii) A que propósito serve a aproximação entre Integralismo e Restauração Católica? E (iii) Quais foram os elementos retóricos argumentativos utilizados em sua escrita?

**Abstract:** From Derrida's deconstruction, our thinking will seek to decompose the book writing scene Gustavo Barroso *Integralism and catholicism*. Objective demonstrate how this works, the dialogue with the movement of the Catholic Restoration, concatenate the events of their time on the premises of the Catholic thought of rejection of the values of modernity, building a representation of a Catholic Christian identity to the doctrine of Sigma and its Comprehensive national project. In this sense, our efforts to seek answers to questions like what intellectual sources Gustavo Barroso dialogues and seeks to reshape to structure your national project? What purpose serves the approach Integralism and Catholic Restoration? What were the argumentative rhetorical elements used in your writing?

---

\* Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: elynaldohis@gmail.com

**Palavras-chave:** Gustavo Barroso. Restauração católica. Cena de escritura.

**Keywords:** Gustavo Barroso. Catholic restoration. Scene of writing.

---

## Introdução

Gustavo Dot Barroso nasceu em 29 de dezembro de 1888, na cidade de Fortaleza – CE, vindo a atuar, posteriormente, como advogado, professor, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta, romancista, redator, diretor de revistas e jornais, diretor do Museu Histórico Nacional e presidente da Academia Brasileira de Letras. Em 1933, Barroso ingressa nas fileiras integralistas,<sup>1</sup> lugar no qual iria se destacar como uma das principais lideranças, tanto na divulgação da doutrina do Sigma como por sua posição de destaque como líder das milícias verde-amarelas. O discurso de Barroso, durante sua militância integralista, ajudava a construir uma imagem do caos social, um problema para o qual a liberal democracia não seria capaz de apresentar solução, sendo necessário, assim, um regime forte, centralizado e cristão – o Estado Integral.

Em 1937, o já consagrado intelectual Gustavo Barroso<sup>2</sup> publica o livro *Integralismo e catolicismo* (BARROSO, 1937), o qual vem corroborar o pensamento articulado, durante sua militância integralista, de definição da Nação brasileira.

Partimos do pressuposto de que, com a publicação dessa obra, Barroso dá um passo definitivo para o fechamento da ideia de Integralismo como porta-voz da doutrina social da Igreja romana, ou seja, entendemos que procurava a afirmação de uma identidade católica para o movimento integralista,<sup>3</sup> ao passo que buscava *integralizar*, doutrinar a nova audiência, disseminando o ódio racial, a hierarquização social e a exclusão do elemento judaico. Essa racionalidade deve ser entendida como espelho à concepção barrosiana de nação e identidade, sempre em reelaboração e permanentemente renovada *cena de escritura*, que torna o livro referido uma interpretação criativa, pois que busca sobre uma autoridade renovada a ligação com o movimento da Restauração Católica.<sup>4</sup> Assim, a legitimação de sua escrita numa construção de identidade cristã católica e numa representação de si como guia desse processo, quer atuar não só no campo da razão, mas, principalmente, no campo da emoção, ao se apropriar do discurso católico.

Nesse sentido, nosso esforço almeja dar respostas a questões como: (i) Quais as fontes intelectuais em que Gustavo Barroso bebe, interage, dialoga e busca reformular para compor sua visão de mundo e estruturar o seu projeto de nação? (ii) A que propósito serve a aproximação Integralismo e Restauração Católica? e (iii) Quais foram os elementos retóricos argumentativos utilizados em sua escrita?

Inspirada no método desconstrucionista proposto por Jacques Derrida, esta reflexão pretende decompor a *cena de escritura* do livro de Gustavo Barroso, *Integralismo e catolicismo*. O conceito de *cena de escritura* faz referência à *arqui-escritura*, um sentido pré-linguístico que antecederia à inscrição da linguagem, uma relação interativa entre autor, vida e obra, em que cada um se constrói pela exigência do outro.<sup>5</sup>

Pretende-se, assim, realizar uma análise do discurso sob a égide da gramatologia derridiana, empreendendo uma análise do escrito não só pelo escrito, mas levando em conta a experiência de Gustavo Barroso, a partir da qual o livro *Integralismo e catolicismo* deverá ser compreendido como constituído pela experimentação de tudo aquilo que o referido autor já havia experienciado. Destarte, objetiva-se desconstruir o citado livro, para mostrar que “peças” o compuseram e com quem o autor dialoga, compreendendo sua escritura a partir da experimentação cognitiva de Barroso, entendendo o referido livro tanto como sua condição de possibilidade quanto como produto histórico e cultural, fruto da sedimentação de outras gramáticas e sintaxes do pensamento conservador, antirrevolucionário e autoritário.

### A cena de escritura de *Integralismo e catolicismo*

A produção escrita de *Integralismo e catolicismo* guarda relação com as questões que atravessam a vida de Gustavo Barroso, às quais ele busca responder dinamicamente, pois sempre estão aparecendo novas perguntas, novas questões, que o autor busca suprir. Nesse caso, para a necessidade de se estabelecer uma ponte bem-estruturada que ligue o Integralismo à Igreja Católica. Essa ponte será construída a partir do diálogo com o movimento *Restauração Católica* e, consequentemente, com os autores que, precedendo esse movimento, ajudaram a compô-lo, diálogo que ele objetiva superar se estabelecendo não só como líder político e intelectual consagrado, mas também como sumidade no pensamento católico.

No caso, a *cena de escritura* de *Integralismo e catolicismo* propunha-se responder a questões específicas, tais como: (i) De que modo a AIB<sup>6</sup> se diferencia de outros movimentos de cunho autoritário conservador? (ii) Conseguiria-se o apoio dos fiéis católicos para as eleições presidenciais de 1938, bem como doutrinar, *integralizar*, essa nova audiência? e (iii) Conseguiria-se catolicizar o Integralismo que se dizia um movimento plural? Essas questões queriam direcionar a integralização do catolicismo para a realização do projeto barrosiano de representação da Nação Integral católica.

Como dito, Barroso, em seus livros integralistas, publicados até 1937, nunca se distanciou do pensamento da *Restauração Católica*, mas já pelo título, *Integralismo e catolicismo*, se percebe um esforço maior de ligar seu pensamento à corrente da Igreja Católica, então em voga, que buscava uma reaproximação com a política e um debate mais direto com a sociedade.<sup>7</sup>

A produção do referido livro, em 1937, parece seguir o objetivo de conquista de uma nova, maior e mais importante audiência, afinal, estamos no ano que precederia às eleições presidenciais, cujo candidato integralista seria Plínio Salgado. Lembremos que, em 1934, o País havia retomado sua normalidade institucional com a elaboração de uma nova Constituição, que ampliava o direito de voto, instituía a Justiça do Trabalho, garantia à Igreja Católica o direito confessional nas escolas públicas. Garantia, ainda, eleições indiretas para governador (essas aconteceriam em clima turbulento e conflituoso), com mandato de quatro anos, ficando acordado que, em 1938, haveria uma eleição democrática para presidente da República, na qual Vargas não poderia ser candidato. (PANDOLFI, 2003, p. 29).

A retomada da ordem legal, que intensificou a participação política e a movimentação social, somada a um contexto de descrença na liberal democracia, sentimento compartilhado tanto pela esquerda quanto pela direita política, levou à radicalização de movimentos sociais e movimentos políticos, representados especialmente pela AIB e pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), que amalgamava liberais desencantados com os rumos tomados pelo governo Vargas, comunistas e socialistas. (PANDOLFI, 2003, p. 31-32).

Com base na Lei de Segurança Nacional, promulgada em abril de 1935, Vargas ordenou o fechamento da ANL que, posta na ilegalidade, começou a articular os planos de um movimento armado com a intenção

de instaurar um governo popular. Esse plano – desencadeado no dia 23 de setembro, na capital Natal e, em seguida, no Recife e no Rio de Janeiro – fora debelado violentamente, levando à criação de uma série de medidas que aumentava os poderes repressivos do Executivo. Mesmo com seus poderes reforçados, sob o pretexto de ameaça comunista, Getúlio Vargas não obteve o apoio necessário para prorrogar seu mandato.

Dentro desse clima de tensão, figuravam como candidatos à presidência da República o opositor Armando de Sales Oliveira, o situacionista José Américo de Almeida (PANDOLFI, 2003, p. 32-33) e Plínio Salgado, escolhido por plebiscito interno, disputado entre os principais dirigentes da AIB, o qual resultou em sua vitória por 846.554 votos contra 1.397 de Gustavo Barroso e 164 de Miguel Reale. (RODRIGUES; BRANDI, 1984, p. 30-57).

Portanto, o pleito presidencial de 1938 seria um dos motivos que levaram Barroso a fechar a aproximação com o movimento *Restauração Católica*, de modo a inseri-la no seio do Integralismo, assumindo o pensamento católico como um dos centros de sua obra, buscando exaustivamente situá-lo dentro de uma definição de sua identidade, no sentido da construção de uma representação de Nação Integral, antisemita, autoritária, conservadora e católica.<sup>8</sup>

Barroso estaria buscando, assim, pôr em paralelo o pensamento integralista e o da *Restauração Católica*, fazendo-os caminhar aparentemente juntos, pois sua leitura sobre o movimento católico, que buscava sacralizar o político, obedece às suas próprias regras e demandas, sendo seu pensamento mais um amálgama que uma síntese, pois, a partir da mistura de concepções heterogêneas, Barroso constrói seu próprio argumento, com suas nuances. Por isso, sua aproximação com tal corrente deseja operacionalizar os pressupostos católicos de modo a legitimar sua própria visão de mundo de matriz rracica, fazendo-a funcionar escudada num profundo sentimento religioso.

Vale ressaltar que, à medida que Barroso passava a despontar como uma das principais lideranças do movimento integralista, começou uma crescente competição com Plínio Salgado pela liderança da AIB, resultando, por parte de Barroso, em atitude reflexa de radicalização do seu próprio discurso antisemita. Isso não quer dizer que pensadores do Sigma (como Plínio e Miguel Reale) também não compartilhassem de certo antissemitismo, mas se entende que esse era colocado em segundo

plano, uma vez que Salgado afirmava que a questão judaica seria um problema restrito à esfera econômica. Como alerta Carlos Nóbrega de Jesus (2011, p. 21), o antisemitismo não era um tema restrito ao pensamento barrosiano, mas à iniciativa escolhida para polarizar a situação de disputa pelo poder dentro da AIB

Ou seja, Barroso buscou, por meio de seu livro, um movimento intelectual de triplo alcance, uma vez que objetivava catequizar sua militância, bem como conquistar o público católico para sua causa, visando não só às eleições de 1938, mas mirando a liderança da AIB, tendo em vista que ele, além de intelectual renomado e vanguardista da denúncia da ação judaica, seria um arauto do Evangelho de Cristo.

Todavia, antes de entrar na análise de sua obra, é preciso ter em mente que Barroso quis construir seu argumento, que denominaremos de *sacralização do Integralismo*, se colocando em diálogo com uma corrente maior, de abrangência internacional, que seria a *Restauração Católica*, no sentido de legitimar sua escrita. Ou seja, sua *cena de escritura* parte de um material já dado: o autor quer dialogar, interagir e superar, de modo a compor seus próprios argumentos.

Tentando organizar, pôr em ordem, dar sentido ao mundo à sua volta, Gustavo Barroso constrói sua visão de mundo a partir da linguagem, das representações, dos conceitos, dos símbolos, fazendo escolhas, selecionando, recortando, buscando constantemente superar elementos que irão compor gramática e a sintaxe do que seria a sua representação de nação e identidade brasileira. Colocando-se à frente das questões intelectuais e políticas de sua época, busca respostas, apresentando alternativas. Nesse sentido, é que se constitui a escrita de *Integralismo e catolicismo*, escrita que deve ser entendida como um ato coletivo, pois interage com discursos outros, no caso, com o movimento católico *Restauração*, que queria ter mais influência na sociedade e uma reaproximação com o Estado, base a partir da qual tentou constituir uma identidade e espacialidade católicas para o Brasil.

A produção de *Integralismo e catolicismo* está mergulhada numa ampla tradição de textos canônicos nos quais Barroso não apenas se embasou, mas que quis superar, de modo a legitimar a sua concepção particular de projeto autoritário de nação, retomando ideias como o anti-individualismo, a defesa da propriedade privada, o culto da unidade, da tradição e da desigualdade natural entre as classes.

Esse pensamento remonta a uma política marcadamente conservadora e antiliberal da Cúria romana e a intelectuais que, desde meados do século XVIII, recusaram as propostas iluministas, os ideais da Revolução Francesa, bem como o projeto de modernidade. Nos argumentos desses pensadores, destaca-se a militância contra a democracia, a negação e sistemática denúncia do pensamento político de esquerda, as mudanças na estrutura de governabilidade que vinham atingindo os valores do tradicionalismo e do autoritarismo, se concentrando na defesa da propriedade e da família, dos princípios religiosos, morais, no autoritarismo e na manutenção das tradições católicas. (MOURA, 2012, p. 16).

Esse pensamento conservador, antirrevolucionário e autoritário, por mais que não esteja citado diretamente no texto de Barroso, é constatado a partir de *rastros*<sup>9</sup> que permeiam sua experiência intelectual, fazendo a ligação com a grade de pensamento de cunho conservador e autoritário do pensamento católico.<sup>10</sup> É necessário observar que muitas das ideias que serão discutidas adiante e as referências aos autores conservadores já se fazem presentes nos escritos integralistas de Gustavo Barroso, mas se entende que, devido à sua necessidade de aproximação com o movimento *Restauração Católica*, essas ideias retornam de forma mais incisiva, de modo a dar nexos e legitimidade à sua obra, agora analisada, que visava, principalmente, à *sacralização do Integralismo* e o mais importante, ao seu modo peculiar de entender e realizar a doutrina integralista.

Nesse sentido, podemos destacar a importância de autores como Edmund Burke, considerado o “Pai do Conservadorismo de Fundo Tradicionalista”, profundo crítico da Revolução Francesa, com uma concepção de história pautada pela valorização da tradição. Apresenta a autoridade, legitimada pela sacralização da tradição como antídoto para os males de que sua sociedade sofria. (RODRIGUES, 2005, p. 21-38).

Pensadores contrarrevolucionários, como Ambroise de Bonald e Joseph de Maistre, incumbiram a Igreja Católica, graças à sua, assim entendida, ascendência divina, de ser a salvadora da humanidade e, dessa forma, sendo a instituição capaz de regular o bom funcionamento da sociedade, ordem que deveria ser reposta à força, pensar a história da humanidade como um suceder de etapas que caminhariam para a vitória final de Cristo. (RODRIGUES, 2005, p. 25). Para esses pensadores contrarrevolucionários, a ordem natural das coisas deveria consistir na submissão da maioria ao domínio de um só, que seria um elemento

escolhido por Deus para colocar a sociedade em ordem segundo um desígnio divino (RODRIGUES, 2005, p. 61) e teria na família cristã o símbolo e modelo de toda a sociedade.

Outro elemento importante no pensamento desses autores, que vem também a ser desenvolvido por Juan Donoso Cortés, no século XIX, é a ideia de a humanidade ser recivilizada pelo espírito medieval, alimentando a nostalgia de um passado em muito idealizado, pois, para eles, no regime monárquico, na submissão a um elemento divinamente escolhido, estaria o verdadeiro equilíbrio entre política e religião. No espírito medieval também estaria posta a valorização da família tradicional como base da sociedade, bem como a condenação dos valores modernos. Nessa direção, segue o pensamento de Donoso Cortés, que busca justificar a ditadura como exceção para manter a ordem. Cortés também desenvolve um pensamento bastante utilizado por Gustavo Barroso, que seria o fato de a guerra travada em seu mundo, a Revolução, ter origem no campo celeste e seu desenrolar na Terra. A única revolução, a revolução verdadeira, aceita por esses escritores, seria a Revolução do Espírito, tal como Barroso desenvolve no seu livro: *O espírito do século XX* (BARROSO, 1936), ou seja, a política e a religião estão completamente imbricadas, o que leva toda verdade política a se converter em verdade teológica. (BARROSO, 1936, p. 70).

Outro autor que vem compor a *cena de escritura* do livro de Gustavo Barroso é um contemporâneo seu, que obteve bastante destaque no campo jurídico: Carl Schmitt.<sup>11</sup> O referido pensador também repousa seus argumentos em bases cristãs católicas, ligando o político ao religioso, na intenção de fortalecer seus argumentos, entendendo que o liberalismo democrático parlamentar teria perdido toda sua capacidade de pôr em ordem o mundo moderno, sendo necessário ser substituído pela noção de ditadura plebiscitária, na qual os alemães teriam a condição e o poder de escolher diretamente seu governante (ditador), portanto, legitimando um estado de exceção, ideia benquista no seio de movimentos de caráter autoritário e totalitário. (RODRIGUES, 2005, p.79). Na concepção de democracia plebiscitária desenvolvida por Schmitt, a democracia deveria ser primordialmente homogênea e, para isso, se preciso fosse, teria de eliminar ou aniquilar o heterogêneo, já que esse *outro* seria capaz de pôr em perigo a ordem pública. (RODRIGUES, 2005, p. 86).

Tradição, pensamento contrarrevolucionário, catolicismo, autoritarismo, complôs e visão dualística da história são ideias, conceitos,



visões de mundo, operacionalizados por Gustavo Barroso para compor seu arsenal retórico-argumentativo de aproximação com a Igreja Católica, dando nexos e inteligibilidade ao seu projeto de nação e identidade brasileira, o qual, logo mais adiante, se procura analisar mais a fundo. Tais pensamentos são representações e fontes produtoras de representações da realidade, essa que entendemos como fruto das astúcias dos homens que, no intuito de dotar seu mundo de certa ordem, buscam construir fronteiras, estabelecer proximidades e exclusões, lançando mão, para isso, não apenas de explicações e compreensões da ordem do racional, mas também de suas fantasias, de seus medos e de seus sonhos.

A aproximação com a Igreja se dava por meio do movimento *Restauração Católica* que, desde os escritos de Leão XIII (1878-1903), era evidenciada nas cartas pastorais, nas encíclicas e nas bulas papais, que passaram a orientar os religiosos, denunciando os *males* de uma nação laica, defendendo, assim, a sacralização da política e uma mudança efetiva na postura dos eclesiásticos e intelectuais em relação à sociedade, saindo de uma postura mais defensiva para uma relação mais ofensiva com a necessidade de “restaurar todas as coisas em Cristo”. (MOURA, 2012, p. 18).

A *Restauração Católica* também encontra nos pensadores conservadores acima discutidos um material para compor seus próprios argumentos, ideias essas que Gustavo Barroso buscou articular para compor sua ideia de sacralização do Integralismo e *integralização* do catolicismo, de modo a legitimar seu pensamento e, assim, conquistar mais pessoas para sua corrente antisemita.

O pensamento católico brasileiro que, partilhando desse esforço de recatolicizar o País, difundindo propostas de reordenação do Brasil em moldes cristãos, pode-se dizer, foi inaugurado, pela Carta Pastoral de 1916, escrita por Dom Sebastião Leme, que objetivou traçar os caminhos de atuação dos religiosos e a elaboração de projetos contra a laicidade aqui no Brasil, pensamento acompanhado de perto por diversos intelectuais católicos. (MOURA, 2012, p. 18-22).

O movimento de *Restauração* agregou diversos eclesiásticos e intelectuais de matriz conservadora na busca pela reativação do poder político da Igreja Católica por meio do Ensino Confessional, da organização de instituições católicas de assistência e de uma imprensa comprometida com as doutrinas eclesiásticas. Para pensadores como

Alceu Amoroso Lima, o comunismo seria mais que um sistema contrário à Igreja, seria realmente um projeto que visava, por meio da desarticulação da sociedade cristã, à destruição de todas as nações, sendo então o comunismo um projeto que “trabalhava em silêncio para a destruição do Brasil”. (MOURA, 2012, p. 34).

A revista *A Ordem* também serviu aos interesses da Sé romana, ao formar intelectuais e articular uma mensagem de reordenação social centrada na sacralização da política contra a laicização que se desenvolvia em vários países ocidentais. Para esse quadro de pensadores, que se consideravam portadores da verdade que deveria ser esclarecida para a sociedade, liberalismo, socialismo e comunismo seriam doutrinas do materialismo que renegavam o caráter espiritual da humanidade e que somente a observância da fé católica reestruturaria a sociedade em Cristo.<sup>12</sup>

Manifestando apoio ao integralismo, Alceu Amoroso Lima, sob o pseudônimo de *Tristão de Athayde*, assim se pronunciava na revista *A Ordem* em artigo de 1935, cujo título é “Catolicismo e integralismo”:

Confesso que não vejo outro partido que possa, como a Ação Integralista, satisfazer tão completamente as exigências políticas de uma consciência católica, que se tenha libertado dos preconceitos “liberais”. [...] Devo, entretanto dizer que as “diretrizes” integralistas, já publicadas, nada contêm que entre em choque com a orientação social da Igreja. E o seu programa é talvez o único entre todos os partidos políticos, que leva em conta sinceramente os elementos fundamentais da nacionalidade. (ATHAYDE, 1935 apud SILVA, 2010, p. 47).

Desde a comparação dos títulos das obras, nos parece bem claro o diálogo que Barroso procura travar com Alceu Amoroso Lima, diálogo esse que gravitaria em torno do aspecto cristão da nacionalidade brasileira. Porém, a opção feita por Barroso, ao inverter a ordem dos nomes no título de seu livro não parece uma escolha inocente, livre de significados. Entendemos que, mais que procurar mostrar uma analogia entre a orientação social da Igreja e a Ação Integralista, Gustavo Barroso parece preconizar também a sequência correta para se chegar à ordenação da Nação em moldes cristãos, ou seja, somente a *integralização* da Igreja, sua adesão à doutrina do Sigma, seria capaz de reerguer a sociedade brasileira e colocá-la no rumo certo para a construção de uma nacionalidade cristã.

É necessário ressaltar que Gustavo Barroso, durante sua militância integralista, desejava construir a imagem de uma nação em ruínas, que via todos seus valores tradicionais ameaçados pelas mãos judaicas. Judeus que controlariam todas as forças da modernidade, manipulando o capitalismo e o comunismo para atingir seus fins. Planos esses que só poderiam ser combatidos com a instauração do Estado Integral, que seria o molde para a construção do seu modelo nacional. (DANTAS, 2014). Tal pensamento é o que Barroso quer demarcar, estabelecendo aproximações e afastamentos. Visando a responder à peculiaridade do movimento no qual se destacava ante a política nazista, ele afirma: “O Integralismo e o Nazismo teem pontos de contato doutrinário gerais; mas Integralismo é uma cousa e Nazismo outra”.

Nesse ponto do livro, seu argumento vai justificar que o Nazismo e sua política foram necessários para unir o seu povo, que não vivia nas mesmas fronteiras, o que não ocorreria no Brasil e, também, diz que lá o racismo foi necessário para se “libertar da garra do judaísmo” e da “intensa propagando do comunismo”. Depois, vai argumentar que o Brasil também está escravizado pelos judeus, e que o Integralismo vai combatê-los. Façamos notar que, se para nosso autor, Integralismo é uma coisa e Nazismo é outra, a solução encontrada por ambos é bastante similar, dado que os dois países enfrentavam o mesmo “problema”: o judeu. Para Barroso significa que não tardaria a chegada do dia em que o Brasil talvez tivesse de adotar as mesmas medidas tomadas na Alemanha nazista – a eliminação do judeu. (BARROSO, 1937, p. 114-115). Ressalta-se, assim, que a discussão em volta do antissemitismo é o elemento que dá nexos e inteligibilidade aos argumentos de Gustavo Barroso sobre o que seria a nação e qual a feição que essa nação deveria assumir.

A reação ao processo de laicização da sociedade, promovido pela Igreja romana, necessitou recorrer à construção de uma identidade católica, buscando reordenar o País segundo uma concepção cristã que assegurasse a permanência desse ideário ante as inseguranças do presente e às incertezas do futuro gestadas no bojo da modernidade. Nesse sentido, os discursos dos eclesiásticos, ao buscar a sacralização do político, tiveram suma importância como elementos doutrinadores e domesticadores do comportamento social (RODRIGUES, 2005, p. 15), corroborando as propostas de formação de um Estado forte, de base autoritária e cristã. Por meio de elementos como o anticomunismo e o antiliberalismo, o Integralismo e o catolicismo passaram a ter um diálogo muito próximo,

mas outro elemento também serviu de ponte para essa aproximação, que objetivava a construção de um ideal de nação – o antissemitismo.

Nessa perspectiva, o ano de 1937 se mostrou bastante profícuo na disponibilização de discursos que operaram a realidade por meio do antissemitismo, tema esse que pensamos ser um elemento norteador do processo de reordenamento da Nação em moldes cristãos utilizado por Gustavo Barroso.

Barroso forjava a ideia de um inimigo comum – o judeu – representante das forças do mal, manipulador das desordens sociais (leia-se comunismo), que precisava ter suas ações secretas denunciadas, combatidas, fornecendo ao Estado uma legitimidade especial, pois sacralizada, para suas práticas repressivas de exclusão do *outro*, do heterogêneo, o não cristão, o não ocidental, o materialista judeu.

Nesse sentido, serviram as publicações do Padre Cabral,<sup>13</sup> em profunda sintonia com o pensamento barrosiano e do Padre Herôncio,<sup>14</sup> havendo, então, por parte desses intelectuais, uma preocupação em legitimar interesses específicos do seu lugar social, o que perpassava pela representação de nação balizada no modelo católico autoritário.

É nesse diálogo que se compõe a cena de escritura de *Integralismo e catolicismo*. Compreendemos, então, que a escritura de seu livro é marcada por uma *arquiescritura*, um lugar de produção, de autoria, um lugar social, portanto histórico, numa relação interativa entre autor, vida e obra, na qual cada um se constrói pela exigência do outro, lugar envolto de cenas outras que atuam na escrita de Gustavo Barroso. Adentremos, agora, na escrita de *Integralismo e catolicismo*, buscando responder a que propósito serve a aproximação Integralismo e Restauração Católica, qual a imagem da nação produzida por esse discurso que traz as marcas do tempo dentro de si e quais os elementos retóricos argumentativos utilizados na sua escrita.

### **Integralismo e catolicismo... e antissemitismo: um discurso endereçado/interessado na elaboração conceitual de nação**

A construção da nação, na cena de escritura de *Integralismo e catolicismo*, envolve um profundo sentido religioso que está ligado aos desejos e anseios de Gustavo Barroso que redirecionava seu discurso antissemita a um caráter divino, valorizando-o positivamente,

sacralizando o Integralismo e o revestindo com uma aura católica, de modo a se reafirmar ante os adeptos de seu pensamento, bem como conquistar uma nova audiência.

Logo de início, o que chama a atenção é que Barroso faz questão de citar elogiosamente as palavras de Plínio Salgado Filho, na sessão que declarou Salgado candidato à presidência do Brasil. No discurso, Salgado Filho afirma que o Estado Integral transcende o político e o filosófico porque:

vem de Cristo, inspira-se em Cristo, age por Cristo e vai para Cristo”. [...] Eu creio em Deus Eterno; creio na Alma Imortal; creio no poder optativo, deliberativo da Alma Humana e na sua capacidade de interferência nos fatos históricos, levantando as multidões e conduzindo-as” [...]. “Por Cristo me levantei; por Cristo quero um grande Brasil; por Cristo ensino a doutrina da solidariedade humana e da solidariedade social; por Cristo luto; por Cristo vos conclamo; por Cristo vos conduzo; por Cristo batalharei. (BARROSO, 1937, p. 3).

Nessas poucas palavras, em que contamos a referência a Cristo 11 vezes, Plínio Salgado, num discurso de extrema importância para os quadros da AIB, se afirma veementemente cristão e garante que, inspirado na sua doutrina, é que o Brasil deverá seguir. Todavia, o que chama mais a atenção é a recorrência a essa citação de Plínio Salgado. Busquemos refletir sobre essa questão.

Em *A palavra e o pensamento integralista*, Barroso (1935, p. 40-41), havia deixado claro que não duvidava das boas intenções dos integralistas nem do seu líder, mas colocava em xeque a eficácia do direcionamento do movimento, pois só ele entendia a real ameaça judaica. Ressalte-se que, na concepção integralista, o líder do movimento não seria uma pessoa, mas uma ideia que se encarnava nessa pessoa. Lembremos que a disputa pela liderança da AIB por Plínio Salgado e Gustavo Barroso se polarizara justamente no campo do antissemitismo.

Diante do presente exposto, já podemos tirar algumas conclusões. Primeiro, seu livro *Integralismo e catolicismo* deve ser entendido como um cartão de visitas de Gustavo Barroso, um pedido de licença a uma audiência católica maior, construindo uma ponte com o pensamento católico, agora em bases mais consistentes. Por isso mesmo, Barroso se esforça para mostrar uma imagem de união dos integralistas, a partir da

figura do seu chefe nacional, Plínio Salgado, e de coesão do movimento no sentido religioso.

Segundo, a partir da leitura do seu livro, *A palavra e o pensamento integralista*, entendemos que Barroso se julgava o mais apto para a direção do Integralismo e, sendo o líder uma ideia que se encarnava numa pessoa, a ideia expressa no discurso citado de Plínio Salgado em nada prejudicaria sua campanha de autopromoção como líder da AIB, pois o pensamento estava certo, só faltava ao então chefe nacional o discernimento para conclamar a sociedade para Cristo, para conduzir o povo, e por Cristo lutar contra o verdadeiro inimigo, o que levaria à construção de um Brasil grande, papel que caberia a ele próprio.

Discurso produtor e legitimador de uma espacialidade que se inclina decisivamente para um forte apelo religioso, a fim de sacralizar seu pensamento por meio da construção de uma identidade cristã, Barroso (1935, p. 7) afirma que “o Integralismo se alicerça, fundamenta e radica no Cristianismo, nas doutrinas sociais e políticas do Cristianismo”.

Mas não em qualquer cristianismo. Barroso explica que o cristianismo se divide em três ramos: o catolicismo, o ortodoxismo e o protestantismo. O ortodoxismo, cismático e não herético, segundo Barroso, não está tão distante do cristianismo e, por isso mesmo, se conseguir corporificar sua doutrina social, irá se conformar com o cristianismo. O protestantismo, que “se divide em milhares de seitas”, que “negam o livre-arbítrio e aceitam a predestinação, contrariando não só a doutrina da Igreja como a doutrina integralista que admite e defende a liberdade e a dignidade da pessoa humana”. (BARROSO, 1935, p. 7).

Para Barroso, somente a Igreja Católica, por ter sua doutrina social fundamentada nas Encíclicas, *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*,<sup>15</sup> “se pronuncia em matéria social e econômica, expondo a *verdade sobre o assunto* [grifo nosso]”, de modo que os integralistas necessitavam conhecer as palavras da Sé romana (BARROSO, 1937, p. 7), papel que ele estava se propondo a intermediar com a publicação de seu livro.

Grifamos as palavras na citação disposta no parágrafo acima, “verdade sobre o assunto”, no intuito de ressaltar o artifício intelectual utilizado por Barroso em sua afirmativa. Entendemos que a “verdade sobre o assunto” que o líder das milícias integralistas estava alardeando, nas entrelinhas da sua afirmação, é a de que foi o judeu quem implantou a doutrina materialista que levou ao liberalismo que, por sua vez, levaria ao socialismo e encontraria no comunismo sua etapa final de evolução,

completando o processo de destruição da sociedade cristã, expondo sua concepção de mundo antisemita. Inserindo-se no ponto-chave da *Restauração Católica*, Gustavo Barroso afirma a necessidade de conexão da ordem temporal com a ordem espiritual, na qual a intervenção da Igreja é mais que um direito, é um dever. (BARROSO, 1937, p. 10).

Para Barroso, o próprio processo de laicização das nações era mais uma ideia da modernidade de origem maçônico-judaica, que visava ao afastamento de padres e militares da política, uma vez que Igreja e Exército, em seu pensamento, seriam lugares por excelência de “gente qualificada” para a organização social, alertando para o perigo dessas duas instituições se tornarem “mudas” diante dos desmandos judaicos que, pela liberal democracia, conduziria “as massas ignorantes” rumo à destruição da civilização cristã. (BARROSO, 1937, p. 9). Entretanto, seu texto afirma que é sobre o papel da Igreja na sociedade em que ele pretende se fixar (BARROSO, 1937, p. 10), direcionando seu argumento para um alvo específico que, uma vez bem-instruído na “verdade sobre o assunto” (leia-se o complô judaico-comunista), engrossaria as fileiras de outra instituição, de caráter militar, hierarquicamente estruturada às milícias integralistas.

Diante do que foi discutido, voltemos ao título do livro: *Integralismo e catolicismo*. Entendemos que a ordenação das palavras no título se refere ao lugar motivacional de seu discurso, numa relação interativa entre autor, vida e obra, no qual Barroso define bem a ordem de cada uma na hierarquia e na reestruturação da sociedade. Em outras palavras, sua trama discursiva, ao buscar se ligar à *Restauração*, visa não apenas à recatolização da sociedade, mas à *integralização* da Igreja, numa aproximação necessária na qual Barroso se reconstrói e constrói o mundo à sua volta, a partir da operacionalização de conceitos e representações sobre a sociedade. Esses constroem uma imagem de nação constantemente ameaçada por forças ocultas que encontraria sua salvação a partir de um processo de recatolização, conduzido politicamente por ele. Nesse sentido, a representação barrosiana de uma nação fundamentalmente cristã-católica deve ser buscada nas suas experiências particulares e na visão de mundo articulada em sua obra.

Seu livro segue trabalhando a teoria do complô judaico-comunista nos mesmos moldes dos seus livros anteriores, escritos durante sua efetiva participação na doutrina do Sigma, mas agora se valendo constantemente da apropriação de símbolos católicos, a exemplo da remissão a passagens

bíblicas, aos *santos*, e a afirmações papais, reafirmando o discurso religioso da Igreja como um lugar de fala privilegiado e decisivo “na guerra atual, guerra da Rússia judaica contra o mundo cristão, guerra de Moscovo contra Roma” (BARROSO, 1937, p. 35), de modo a sacralizar seu projeto de Nação Integral e conquistar seus leitores.

Aproximação entre fé e poder que garantiria o acesso a imagens e símbolos religiosos em seu discurso, legitimando os seus pressupostos a partir de sua sacralização, o que difundiria uma carga emotiva e sensorial, de modo a atingir mais profundamente o público receptor. Nesse intento, Barroso não se furta a citar os “provaíssimos, autenticíssimos Protocolos dos Sábios de Sião” (BARROSO, 1937, p. 29) para buscar provar que os judeus estavam esperando o tempo certo para destruir a civilização cristã.

Traduzido e comentado por Barroso em 1936, os “Protocolos dos Sábios de Sião” são um texto em formato de ata, forjado em 1897, pela polícia secreta do Czar Nicolau II, que descrevia um suposto projeto de conspiração para que os judeus atingissem a dominação mundial. A *Rerum Novarum* de Leão XIII e a Encíclica Quadragésimo Ano, do Papa Pio XI, também são traduzidas e comentadas no corpo do texto de *Integralismo e catolicismo*. Em ambos os casos, Barroso faz mais que uma mera tradução, pois ele se utiliza das notas de rodapé, artifício que compõe sua retórica, para guiar o pensamento do seu leitor *pari passu* com sua visão de mundo. Se apropriando, em ambos os casos, de seu discurso, tornando-o seu, Gustavo Barroso liga fatos e acontecimentos de seu tempo de forma a demonstrar, no caso dos “Protocolos”, que no Brasil já se pode sentir a ação judaica, confirmando, assim, a veracidade das denúncias trazidas nos “Protocolos” e, no caso das Encíclicas, com o objetivo de mostrar que o Integralismo está de acordo com elas. Lembremos: não qualquer integralismo, mas o Integralismo tal qual pensado por Barroso. (DANTAS, 2014, p. 110-111).

Diante de um quadro de descrença nos rumos que o Brasil vinha tomando, desde sua independência, que atingira o paroxismo com a fracassada liberal democracia republicana, a imagem de uma Nação vazia de sentidos espirituais, prostrada, escravizada pelas mãos judaicas, vai sendo construída de modo a legitimar o seu oposto, a Nação Integral, uma nação que alcançaria a totalidade pelo cristianismo, uma nação homogênea sem lutas de classes, pois regido pelas leis divinas e pela ordem orgânica do corporativismo integralista.



A leitura da história empreendida por Gustavo Barroso segue dando conta de uma gênese da Nação brasileira, de modo a produzir uma homogeneização da visão de Brasil, sintetizada a partir da fusão das três raças – a negra, a índia e a branca – fomentando, assim, a teoria de uma suposta democracia racial, em risco devido à ação judaica, formadora de “vazios”. Alertava, também, para os riscos de uma nacionalidade voltada apenas à Europa, se apegando a estrangeirismos, esquecendo as raízes de sua nacionalidade ou de ser ultranacionalista, “ser mais brasileiro do que é justo”.

Nesse momento, Barroso, ao não se furtar a tecer críticas ao modelo de nação pensado pelos ultranacionalistas “esnobes verdes e amarelos, antropófagos” que seria, assim, um engodo, um atentado às nossas “verdadeiras tradições”, notamos, aqui, uma crítica a determinados movimentos culturais decorrentes da “Semana de Arte Moderna” de 1922, inclusive ao grupo do qual Plínio Salgado fora um dos articuladores, o Movimento Verde-Amarelo, condenando, assim, o passado recente do líder nacional da AIB. Pensamos também que a crítica aos movimentos de caráter ultranacionalista vem se coadunar com o pensamento universal católico. (BARROSO, 1937, p. 36-38).

A Nação, na escrita barrosiana, tem o tempo dentro de si, um espaço e tempo próprios que se ligam a visões outras, as quais forjam uma imagem de sociedade homogênea, capitaneada pelos valores cristãos europeus e medievais “factor, sem dúvida, principal na obra secular em que se plasma a nacionalidade”. (BARROSO, 1937, p. 58).

Discurso que constrói um passado sem conflitos, regido pela providência divina, passado que deveria ser reencontrado e religado ao presente, que seria conhecido por ele como agente privilegiado do saber, argumento de autoridade que ele faz questão de ressaltar, caracterizando-a como uma escrita de si, entrecruzando representação e discurso na elaboração conceitual do seu projeto de nação. Representação discursivamente construída que afirma, reelabora e se reafirma a partir de seu lugar social, buscando dar sentido à sua visão de mundo, passando a criar forma e corpo nas letras. Representação da nação, forma de ver e expressar o mundo, escrita da nação, reescrita de modo a responder às questões que se colocam no seu tempo presente. Nesse caso, a afirmação da ligação do seu pensamento com o movimento encabeçado pela Sé romana, que resgataria os valores perdidos com o advento da modernidade.

A Nação brasileira, para Barroso, se reconhece como continuadora de certa tarefa civilizatória iniciada pela colonização portuguesa, isto é, europeia. Não é uma operação simplista conotar o elemento branco como sendo o princípio organizador de tudo num país como o Brasil e no seio de um movimento que dizia combater o racismo. Existe, aí, um “malabarismo discursivo” para legitimar seus preceitos preconceituosos e autoritários, escamoteados no pressuposto de o elemento branco-cristão ser superior em comparação aos demais elementos formadores da nacionalidade, por ser o porta-voz das “ cousas verdadeiramente espirituais” que seriam os pilares da nossa sociedade: filosofia, religião, moral, direito, língua, arte e política, afirmando, assim, que o conceito de cultura para os integralistas só pode estar baseado num conceito espiritualista que irá repelir “de seu seio toda e qualquer eiva de pensamento embebido na escola do materialismo histórico”. (BARROSO, 1937, p. 56).

Sem nunca se distanciar da corrente de pensamento da *Restauração*, Gustavo Barroso é categórico: “destruição do Estado, destruição da família e destruição da propriedade, eis todo o programa comunista”. (BARROSO, 1937, p. 70). Essas três dimensões da organização da vida humana estariam em permanente ameaça, fazendo parte dos planos judaicos de destruição da sociedade ocidental cristã.

Nesse sentido de ação, Barroso, dialogando com o catolicismo de extrema direita dos sécs. XVIII e XIX, que foi abordado no início desta seção, apregoaria a volta a um mundo pré-moderno e a retomada dos valores “nem medievais, nem extremistas; mas cristãos e dignos”. (BARROSO, 1937, p. 92). Mundo esse que fora rompido pelas ações judaicas, com suas mais diferentes máscaras: liberalismo, iluminismo, individualismo, ateísmo, capitalismo, socialismo, comunismo, maçonaria.

Uma nostalgia ideológica de uma imaginada Idade Média em que se reconhecia a existência de classes ou grupos econômicos. Nela perspectiva da luta de classes era mantida a distância pela aceitação de uma hierarquia social, pelo reconhecimento de que cada grupo social ou “estamento” tinha seu papel a desempenhar numa sociedade orgânica, fixa, composta por todos. E essa deveria ser reconhecida como entidade coletiva, comandada por uma autoridade que, guiada por Deus, seria “moralmente forte”. (BARROSO, 1937, p. 91-92).

Esse modelo de Estado/Nação que Barroso projetava para o Brasil como solução para a crise moral, política e econômica, que nem a liberal democracia, nem o comunismo resolveriam (apenas apresentariam falsas soluções à sociedade, dado que eram frutos da ação judaica), seria estruturado pela família e pelo sistema de organização corporativo, a ser implantado pelo Estado Integral e no qual reinariam a paz e a ordem social.

Buscando adentrar mais nas questões dos operários, Barroso vai discutir a formação do estado corporativo, afirmando que a concepção de sindicato, tal como era colocado à época, era falso porque defendia uma classe de trabalhadores – o proletariado – e não todos os trabalhadores, sendo somente o Integralismo capaz de montar a verdadeira sindicalização livre. O Estado Integral permitiria sindicatos livres, mas só se fossem para se reunirem com fins econômicos e culturais, uma vez que, apoiado em Miguel Reale, afirma que para evitar disputas somente um sindicato seria reconhecido pelo Estado. (BARROSO, 1937, p. 94-96).

Para Barroso, os sindicatos seriam como a família, instituições privadas de caráter natural, instituições essas que seriam regidas por um líder divinamente escolhido, no qual os operários deveriam se entregar de corpo e mente, não só numa atitude passiva, mas sim numa atitude ativa de reprodução da concepção de uma nacionalidade cristã. (BARROSO, 1937, p. 96-97).

Dessa forma, Gustavo Barroso está projetando a reorganização de uma sociedade em reação aos parâmetros entendidos como modernos, no qual os valores cristãos do catolicismo e a forma de organização de uma idealizada Idade Média seriam o modelo almejado, num movimento intelectual que, ao visar a recatolização do País, propunha também a sacralização do integralismo na versão barrosiana.

Evidenciamos, dessa forma, a presença marcante do pensamento conservador e antirrevolucionário dos séculos XVIII ao XX, no pensamento barrosiano, que se fizeram presentes em sua experiência discursiva sobre seu projeto de Estado/Nação, a partir de temas com uma visão de história marcada pela tradição e a inviolabilidade da família e da propriedade privada; a presença de um discurso teleológico, no qual apenas uma revolução espiritual reconstruiria não a forma, mas o conteúdo de uma idealizada sociedade cristã medieval, na qual pairava a ordem, a harmonia, protegida por uma autoridade forte e centralizadora

que deveria ser o modelo nacional a se seguir na construção de um mundo que envolve um profundo sentido religioso.

Poderíamos afirmar, então, que a *cena de escritura* de *Integralismo e catolicismo* responde à sistematização dessas diversas visões de mundo, operacionalizadas em sua escrita, de modo a sacralizar sua concepção de mundo baseada no autoritarismo e no pensamento que define bem o papel social de cada “raça” na organização social, excluindo o heterogêneo, o inassimilável, o judeu.

Os meandros do seu discurso revelam a tentativa frequente de equiparar o Integralismo ao catolicismo, sustentando uma interpretação transcendental da história, se afirmando espiritualista e voltando os olhos a temas essencialmente da agenda católica, a saber: estabilidade da família, papel da mulher, condição do operariado.

Na parte em que traz o discurso da *Rerum Novarum* sobre o disciplinamento do operário, bem como sobre os trabalhos que não competem bem à mulher, “nascida para os cuidados domésticos [...], para a educação da prole e a prosperidade da família”, Barroso afirma: “Lendo-se o ‘Manifesto de Outubro’, o ‘Manual do Integralista’, as ‘Diretrizes Integralistas’, os livros de Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso se vê que o Integralismo concorda absolutamente com a Igreja em todas essas questões de horas de trabalho, trabalho de menores, férias, salários, etc.” (BARROSO, 1937, p. 159, nota 39).

Barroso, denunciando os males da sociedade moderna a partir da construção de um “problema”, o judeu, utilizando-se do aspecto emocional de sacralização do seu pensamento, objetivava tocar o imaginário católico, plasmando medos, anseios, comportamentos, desejos, para oferecer uma solução a todo esse quadro de desordem, solução essa que seria a sua concepção de Integralismo, que visava à implantação do Estado Integral como modelo de reconstrução nacional.

## Considerações finais

A partir da análise da *cena de escritura* de *Integralismo e catolicismo*, chegamos à conclusão de que, nessa obra, se dá um passo definitivo para o fechamento da ideia de Integralismo como porta-voz da doutrina social da Igreja romana, ou seja, da procura exaustiva da afirmação de uma identidade católica para o movimento integralista.

O fechamento da representação de uma identidade católica para a doutrina do Sigma visava a responder a algumas questões importantes, tais como: a conquista de uma nova e importante audiência, o público católico, visando ao pleito eleitoral de 1937, num movimento denominado de integralização não só da audiência católica, mas também do discurso da doutrina social da Igreja Católica; a legitimação de uma identidade nacional cristão-católica para o Integralismo, que chamamos de sacralização do Integralismo, de modo a diferenciá-lo dos movimentos de cunho nazifascista; dar respostas a questões sociais importantes, como a questão operária e a organização do Estado Integral; operacionalização dos pressupostos cristão-católicos de modo a legitimar sua própria visão de mundo com uma matriz rática, autoritária e conservadora; construção de uma representação de si, como guia do processo de construção do Estado Integral, Estado que seria o molde da ideia de nação e identidade nacional, a partir de um discurso que busca atuar não só no campo da razão, mas e principalmente, no campo da emoção ao se apropriar do discurso católico.

Colocando-se como portador do verdadeiro Evangelho, missionário do que dizia ser o alto pensamento que articula mente, espírito e matéria, Gustavo Barroso, exímio artífice das palavras, conquistador de almas, pode-se assim definir seu esforço discursivo, analisado neste texto, procurou mostrar didaticamente para seus leitores um retrato fiel do que ele entendia ser a situação que o Brasil vivia, um discurso que fala de um tempo-espaço ameaçado pelas forças ocultas de Israel, que agiam secretamente, na intenção de destruir a civilização cristã ocidental, e das possíveis medidas para salvá-lo dessa iminente ameaça.

## Notas

---

<sup>1</sup> A Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento fundado em 7 de outubro de 1932, por Plínio Salgado, surge da reunião de vários grupos, tais como a Ação Social Brasileira, o Partido Nacional Fascista, a Ação Imperial Pátrio-Novista e a Legião Cearense do Trabalho, inserindo-se no debate sobre o que seria a brasilidade, trazendo, em seu âmago, características semelhantes às dos Partidos Nazista e Fascista, os quais ganhavam força na Europa. A AIB apresenta suas características peculiares, inerentes ao contexto brasileiro, mas mantendo a mesma matriz ideológica dos movimentos fascistas, grosso modo: partido único de massa, forte estrutura hierárquica, exacerbação dos valores nacionais, forte oposição aos princípios do liberalismo, do comunismo e do socialismo, busca pelo domínio dos meios de comunicação, eliminação do pluralismo político e aniquilamento das oposições, embasado na violência e no terror.

<sup>2</sup> Partimos da definição de intelectual proposta por Sirinelli. Ele entende os intelectuais como um conjunto de sujeitos específicos, considerados como criadores e mediadores culturais, bem como atores engajados e militantes, categorias essas que se complementam. (2003, p. 242-243).

<sup>3</sup> É necessário deixar claro que Gustavo Barroso, no período de sua militância integralista (1933-1938), nunca se distanciou do pensamento católico, chegando a afirmar que é justamente essa base espiritual que coloca o Integralismo à frente dos seus congêneres nazistas e fascistas. (BARROSO, 1937, p. 53).

<sup>4</sup> Desde os escritos de Leão XIII, a Igreja Católica abandona uma postura defensiva e parte para uma postura mais ofensiva, visando à sacralização da política, buscando demonstrar os “perigos” de uma nação laica. Esse movimento ficou conhecido como *Restauração Católica* e passou a se fortalecer nos primeiros anos do século XX. Portanto, o movimento *Restauração Católica* corresponde a um esforço generalizado empreendido pelos católicos, agregando eclesiásticos e intelectuais conservadores em vários campos, para garantir à Igreja maior presença e influência na sociedade, recusando as propostas iluministas, os ideais da Revolução Francesa e o projeto de modernidade, se concentrando na defesa da família, dos princípios religiosos, morais e da manutenção das tradições católicas. (MOURA, 2012, p. 16).

<sup>5</sup> Para um melhor entendimento da aproximação entre a história e o pensamento derridiano, no qual buscase constituir a análise, ver Peixoto (2014, p. 35-57). Sobre o conceito derridiano de *arquiescritura*, ver Derrida (2011, p. 83).

<sup>6</sup> Entendemos a AIB como um espaço de sociabilidade intelectual, se constituindo em campo de trocas e de aprendizado, espaço permeado de relações profissionais, pessoais, organizado a partir de afinidades, sensibilidades ideológicas e culturais comuns, possibilitando e alimentando o gosto de conviver. Espaço de agregação social, mais ou menos restrito, que aglutina pessoas que se identificam com esse ambiente, cujas ações individuais e coletivas se dão dentro de uma normatização criada e

transformada constantemente, possibilitando a criação de uma identidade como grupo, com características peculiares entre si, bem como espaço que hostiliza e exclui outros grupos, espaço não homogêneo, campo de forças e tensões. Sobre a noção de campos utilizada, ver Bourdieu (2011). Segue-se de perto, neste trabalho, a acepção de sociabilidade de Jean François Sirinelli, que dialoga com a perspectiva de Bourdieu. Ver Sirinelli (2003, p. 232-253).

<sup>7</sup> Sobre o movimento *Restauração Católica*, ver Moura (2012).

<sup>8</sup> É importante ressaltar que se entende o antissemitismo barrosiano, expresso em seus livros integristas, como sendo influenciado diretamente pela doutrina nazista, influência que o autor quer superar, de modo a construir a sua visão de mundo aplicada à realidade brasileira. Para isso soma elementos do catolicismo. Influência essa que seria camuflada no seu discurso por meio de uma crítica político-econômica, para não se distanciar do pensamento cristão de um movimento que dizia lutar pela união racial. Ver Dantas (2014).

<sup>9</sup> Segundo Derrida, o *rastró* corresponde a uma intenção na escrita que não se apaga, uma intencionalidade que não é intencional. (2011, p. 22).

<sup>10</sup> Para melhor compreender o pensamento conservador católico que permeou o discurso barrosiano, foi fundamental a análise empreendida por Cândido Moreira Rodrigues, em seu esforço de mostrar as raízes tanto ideológico-políticas quanto filosófico-teóricas, presentes nos escritos dos intelectuais que escreveram na revista *A Ordem*, entre 1934-1945, um dos

principais canais de atuação da Igreja na sociedade, difundindo propostas de reordenação do País em moldes cristãos. Ver Rodrigues (2005).

<sup>11</sup> O iminente teórico do Direito, Carl Schmitt, nasceu em Plettenberg – Alemanha, em 1888. Destacou-se pela defesa da ditadura e do regime de exceção, foi membro do Partido Nazista entre 1933 e 1936.

<sup>12</sup> O próprio Plínio Salgado, elaborando um pensamento de caráter etapista, creditava o triunfo das concepções espiritualistas da existência ao final do desenvolvimento da humanidade. (BARBOSA, 2012, p. 105).

<sup>13</sup> O livro do Padre Cabral, *A questão judaica*, prefaciado por Gustavo Barroso, busca um reordenamento da sociedade aos moldes cristãos, denunciando a doutrina judaica não só como contrária aos valores da Igreja, mas sendo um projeto para a destruição da humanidade de forma geral, chegando a apontar uma solução possível para essa interpretação caótica da realidade: “Compreende-se e explica-se, pois, a presente reação nacionalista alemã contra a interferência hebraica na vida pública do povo germânico”. (CABRAL, 1937, p. 100).

<sup>14</sup> O livro do Padre Herôncio, *Os holandeses no Brasil*, pode não ter por tônica o tema antissemitismo, como no caso de Gustavo Barroso e do Padre Cabral, mas esse elemento também permeia seu discurso, atrelando os acontecimentos do seu tempo, entendidos como traumáticos, a exemplo da Guerra Civil Espanhola e do Levante Comunista de 1935, com acontecimentos do passado como a Invasão Holandesa, estabelecendo um padrão para a interpretação dos

acontecimentos nos engenhos de Uruçu e Cunhaú em 1645, livro que, além de servir de inspiração para inúmeros autores, dentre os quais podemos citar Câmara Cascudo, originou o processo de beatificação dos Protomártires do Brasil, bastante celebrados pelos católicos nordestino-grandenses nos dias de hoje. Para uma análise mais aprofundada dessa obra, ver Peixoto (2014).

<sup>15</sup> A partir de meados do século XIX, a Igreja Católica passou a se posicionar mais fortemente contra o mundo moderno, voltando sua ação contra o avanço das entendidas “doutrinas errôneas” que afetavam a crença, a moral e os costumes da comunidade católica. O que se segue a isso é a publicação de uma série de encíclicas, produzidas pelos papas, que tiveram, a partir do Concílio Vaticano (1869-1870), seu poder fortalecido. Essas encíclicas se empenharam em combater as doutrinas liberais, racionalistas e socialistas, entendidas como

ameaça à ordem cristã. Nesse sentido, a Encíclica *Rerum Novarum* visava a um diálogo com a modernidade, inserindo a questão social na reflexão da doutrina católica, reconhecendo os direitos do movimento operário, ao mesmo tempo condenando o Estado Liberal, o comunismo e o socialismo, como doutrinas materialistas que negavam o espírito, e confirmando o direito natural à propriedade privada. Já a Encíclica *Quadragesimo Anno*, escrita pelo Papa Pio XI, porventura sobre o quadragésimo aniversário da *Rerum Novarum*, é uma exaltação e pormenorização da *Rerum Novarum*, fazendo a ligação com seu tempo presente. Ver Carneiro (2013, p. 57-58). Desse modo, para Barroso, a “verdade sobre o assunto” é que somente por meio da religião católica o Estado poderia reordenar a sociedade moderna, combatendo os males do materialismo e do comunismo, verdade sobre assunto que Barroso busca ligar intrinsecamente à Ação Integralista.



## Referências

- BARROSO, G. *A palavra e o pensamento integralista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
- BARROSO, G. *O espírito do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- BARROSO, G. *Integralismo e catolicismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABC, 1937.
- CABRAL, Padre J. *A questão judaica*. 1. ed. Porto Alegre: Globo, 1937.
- Livros e artigos de apoio:**
- BARBOSA, J. R. Plínio Salgado, Os intelectuais do Sigma e o fundamentalismo cristão integralista pretérito e contemporâneo. In: RODRIGUES, Cândido Moreira; PAULA, C. J. (Org.). *Intelectuais e militância católica no Brasil*. Cuiabá: EdUFMT, 2012. p. 105.
- BORDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 11. ed. Campinas: Papius, 2011.
- BRANDI, Paulo. Plínio Salgado. In: BELOCH, I.; ABREU, A. A. (Org.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Forense, 1984. p. 30-57.
- CARNEIRO, M. R. S. O pensamento novo, a última síntese – Gustavo Barroso e o Estado cristão integralista. In: RODRIGUES, Cândido Moreira; ZANOTTO, G. (Org.). *Catolicismo e sociabilidade intelectual no Brasil e na Argentina*. Cuiabá: Ed. da UFMG, 2013. p. 57-58.
- DANTAS, E. G. *Gustavo Barroso: o führer brasileiro: Nação e Identidade no discurso integralista barrosiano de 1933-1937*. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- JESUS, C. G. N. O anticomunismo de Gustavo Barroso: a crítica política como instrumento para um discurso antisemita. In: RODRIGUES, C. M.; BARBOSA, J. R. (Org.). *Intelectuais & Comunismo no Brasil: 1920-1950: Gustavo Barroso, Plínio Salgado, Alceu Amoroso Lima, Jorge Amado, Miguel Costa*. Cuiabá: Ed. da UFMT, 2011.
- MOURA, C. A. S. Restaurar todas as coisas em Cristo: Dom Sebastião Leme e os diálogos durante o movimento de recatolização no Brasil (1916-1942). In: RODRIGUES, C. M.; PAULA, C. J. (Org.). *Intelectuais e militância católica no Brasil*. Cuiabá: Ed. da UFMT, 2012. p.15-44.
- PANDOLFI, D. C. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Org.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 13-38.v. 2.
- PEIXOTO, R. A. Duas palavras: os holandeses no Rio Grande e a invenção da identidade católica norte-rio-grandense na década de 1930. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. XIX, n. 1, p. 35-57, jan./jun. 2014.
- RODRIGUES, C. M. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte/MG: Autêntica; Fapesp, 2005.
- SILVA, L. G. *Sob o símbolo da cruz: questão social, família e educação nas relações entre Estado e Igreja no Brasil (1930-1945)*. 2010. Dissertação (Mestrado) – UERJ, Rio de Janeiro, 2010.
- SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: REMOND, R. (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2003. p. 242-243.

